

Evangélicos e a Política: Um novo conservadorismo em latência?¹

Evangelicals and the Politics: A New Conservatism in Latency

Tathiana Chicarino²

Leandro Ortunes³

Silvana Martinho⁴

Resumo: O trabalho está estruturado em três eixos de investigação: o perfil do eleitorado evangélico, através de uma pesquisa de opinião pública, acerca da eleição de 2016, para a prefeitura de São Paulo; a caracterização das principais denominações religiosas; a inserção dos evangélicos na esfera político-partidária através do estudo de biografias de vereadores evangélicos e sua atividade parlamentar. A hipótese explicativa sobre os evangélicos e a política indica que as escolhas eleitorais e afinidades políticas são motivadas por questões dos costumes e amplificadas por uma midiatização da religião. Apresentamos um quadro explicativo mais amplo da presença de um conservadorismo em latência que se opõe aos ideários e às práticas emancipatórias, e se aproxima de valores capitalistas contemporâneos como o empreendedorismo e a inserção no consumo material.

Palavras-Chave: Eleições municipais. Evangélicos. Conservadorismo.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 07 Mídia e Eleições do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 10 a 12 de maio de 2017.

² Doutoranda e Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP. Pesquisadora do NEAMP/PUC (Grupo de Estudos em Arte, Mídia e Política). Bolsista FAPESP.

³ Doutorando e Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP. Pesquisador do NEAMP/PUC (Grupo de Estudos em Arte, Mídia e Política).

⁴ Doutoranda e Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP. Pesquisadora do NEAMP/PUC (Grupo de Estudos em Arte, Mídia e Política).

Abstract: *This paper is structured in three research areas: the profile of the evangelical electorate, through a survey public opinion, about the 2016 election, for the City Hall of São Paulo; the characterization of the main religious denominations; the insertion of evangelicals in the political-party sphere through the study of biographies of evangelical councilors and their parliamentary activity. The explanatory hypothesis about evangelicals and politics indicates that electoral choices and political affinities are motivated by questions of customs and amplified by a religion mediatization. We present a broader explanatory of the presence of a latent conservatism that opposes emancipatory ideals and practices and approaches contemporary capitalist values such as entrepreneurship and insertion into material consumption.*

Keywords: *Municipal election. Evangelicals. Conservatives.*

1. Introdução

O presente trabalho tem por finalidade trazer algumas reflexões que possibilitem a compreensão do fenômeno religião e política de forma mais geral, mas especificamente dos evangélicos. Para tanto, elaboraremos três eixos de investigação: perfil do eleitorado evangélico; caracterização das principais denominações religiosas; inserção dos evangélicos na esfera político-partidária.

O primeiro deles tem como subsídio empírico uma pesquisa exploratória de opinião pública entre os eleitores evangélicos e que teve como objetivo central traçar um perfil desses eleitores no que se refere à eleição para a prefeitura de São Paulo em 2016. Foram aplicados 390 questionários com a variável “se declarar evangélico” como pergunta filtro, entre os dias 17 e 25 de agosto em cinco pontos de fluxo⁵ da cidade de São Paulo. Os resultados de tal pesquisa indicam uma forte relação entre um engajamento religioso não-institucionalizado, alto grau de ideais conservadores, e influência da televisão como principal veículo de comunicação.

⁵ A despeito de considerarmos os limites da amostra por conta da adoção de pontos de fluxo, a presente pesquisa conta com um nível de confiança de 95%, com um erro amostral de 5%, considerando a população de evangélicos residentes na cidade de São Paulo.

Sabendo que definição de opinião pública é multifacetada, para esse estudo adotamos uma perspectiva que compreende a influência dos veículos de comunicação como importantes agentes na formação da opinião pública, mas que não desconsidera as experiências para além dos *mass media* (SILVEIRINHA, 2004).

Como complemento à análise desses resultados nos deteremos ao aprofundamento das características das seguintes denominações religiosas – igreja Assembleia de Deus (AD), igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e Congregação Cristã no Brasil (CCB) – sendo que as três representam um total de (77%) dos entrevistados na pesquisa sobre o perfil do eleitor evangélico que citamos acima.

O terceiro eixo de investigação se faz na relação entre a personalização da política e a midiaticização da religião e terá como objetivo o estudo da biografia de vereadores eleitos para a Câmara Municipal de São Paulo em 2016 com forte presença no mundo evangélico e sobre a atividade parlamentar desses vereadores no que tange o aspecto religioso, sendo eles: Eduardo Tuma (PSDB), reeleito com 70.273 votos, um político jovem integrante da igreja Bola de Neve; João Jorge (PSDB), eleito com 42.404 votos, o homem mais votado dentre os integrantes da Assembleia de Deus; Rute Costa (PSD), a mulher mais votada da Assembleia de Deus, com 33.999 votos; e, André Santos (PRB), com 33.393 votos e integrante da Igreja Universal do Reino de Deus.

2. Perfil do eleitorado evangélico

A busca pela compreensão do perfil do voto evangélico nas eleições de 2016 na cidade de São Paulo tem sua importância situada na grande expressividade que o movimento neopentecostal veio adquirindo a partir da redemocratização brasileira tanto do ponto de vista do crescimento de seu número de fiéis, quanto da participação na política eleitoral.

Essa participação política e a discursividade religiosa em seu entorno tem como direcionamento fundamental o que se conceituou como *realidade máxima* que pode

ser considerada como a crença em um ser superior ou uma lei universal. Essa *realidade máxima* procurará axiomatizar quaisquer comportamentos e contextos históricos dentro de sua própria verdade eterna, operando uma oposição entre o que é *santo* e o que é *profano*. Nesse sentido:

Qualquer que seja o contexto histórico no qual esteja imerso, o homo religiosus acredita sempre que exista uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, mas que se manifesta nele e, por isso mesmo, santifica-o e o faz real (CROATTO, 2010, p.58).

Assim, se torna crucial o estudo do pensamento religioso como motivador da participação política, pois, diferentemente, de alguns estudos que apontam as consequências da participação religiosa, compreender o voto de religiosos demanda compreender os fatores que compõe sua crença e, principalmente, os anseios das lideranças que emergem em seu campo de atuação, isso sempre partindo do fato que: toda e qualquer ação religiosa será pautada em sua *realidade máxima*.

Tendo já exposto o pressuposto da pesquisa cabe agora destacar como ela se estruturou, do ponto de vista temático pela divisão: (1) relação entre a religião e a política e sobre o imaginário conservador; (2) questões explicativas sobre escolha do voto e agenda da mídia. E do ponto de vista metodológico nos guiamos pelos textos de Inglehart (2005) e Inglehart e Baker (2000) para construir dois orientadores metodológicos no que se refere à elaboração das questões: (i) a distinção entre atitudes – referente ao pensado – e comportamentos – referente ao posto em prática; (ii) a busca por parâmetros de uma opinião pública acerca de um tipo específico de valores, que Inglehart em sua busca pela compreensão dos diferentes processos de modernização nomeia de atitudes e comportamentos de auto-expressão, ou pós-materialistas.

Sobre o comportamento religioso inserimos uma questão aberta para que o entrevistado dissesse sobre a sua denominação religiosa (FIG.1) e após codificação chegamos aos seguintes resultados: frequentam comunidades independentes (33%);

frequentadores da igreja Assembleia de Deus (18%); frequentam a IURD ou igreja Universal do Reino de Deus e Congregação Cristã no Brasil, cada uma com (13%).

Na tentativa de compreender o engajamento religioso evangélico questionamos os respondentes sobre com qual frequência (FIG. 2) eles vão à igreja, e a maioria declarou ir até a instituição religiosa mais de uma vez por semana (46%). E uma segunda questão sobre engajamento se destinou a saber se o entrevistado participa de alguma atividade vinculada à igreja (FIG. 3), por exemplo, trabalho voluntário ou projeto social, apenas (32%) responderam afirmativamente. A mesma tendência foi verificada na questão sobre a ocupação de cargo na igreja com (22%) dizendo sim.

A partir desses dados podemos tecer uma explicação sobre o engajamento religioso evangélico como sendo mais vinculado à não-institucionalização, visto que estaria ancorado à participação individual, sendo que a rotinização da prática religiosa não passa necessariamente pela estrutura típica da igreja ou aos aspectos coletivos que ela possa adquirir e/ou implementar.

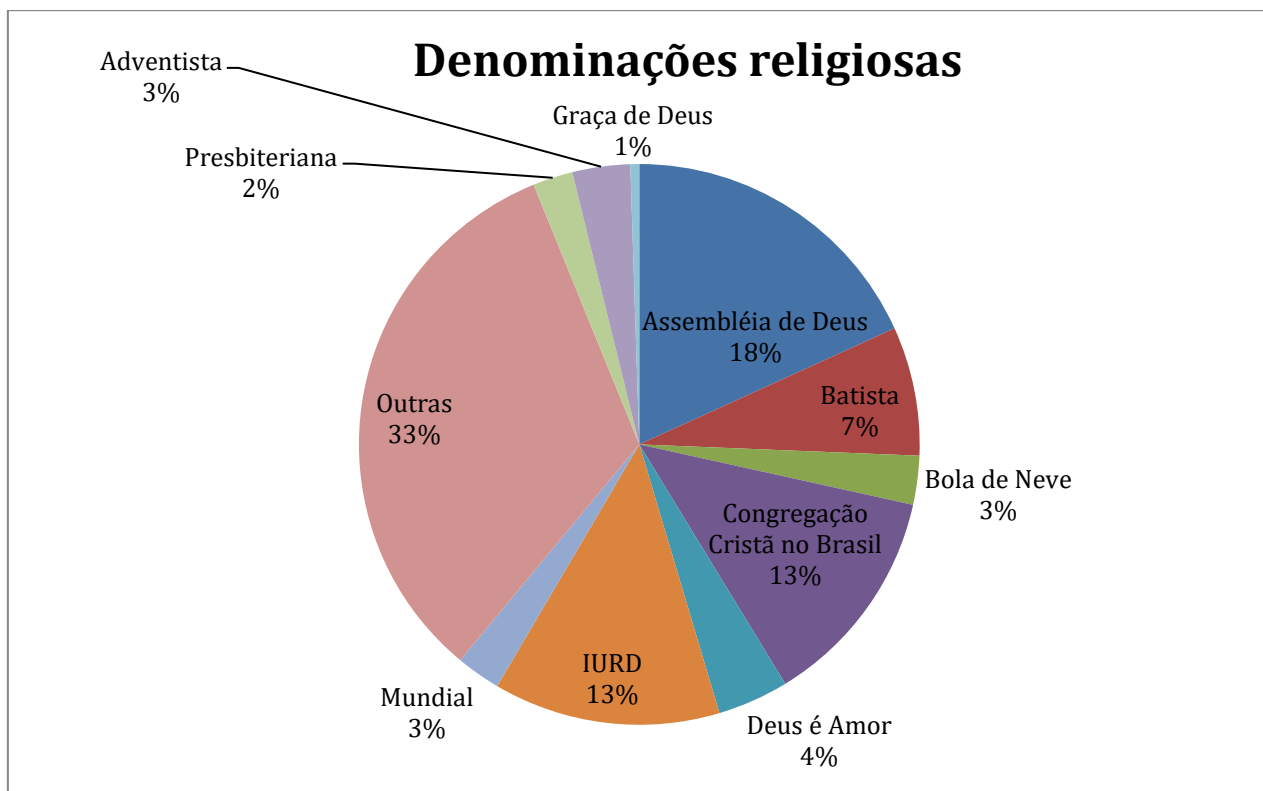


FIGURA 1 – Denominações religiosas.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

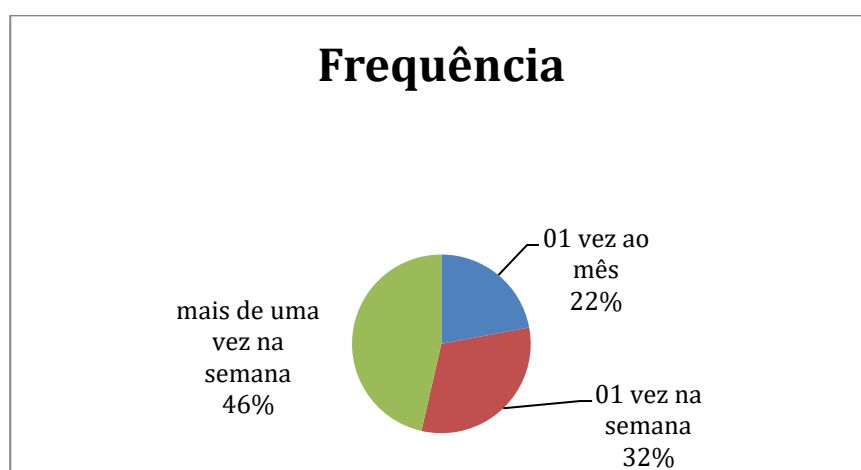


FIGURA 2 – Frequência.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.



FIGURA 3 – Participação em atividades vinculadas.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

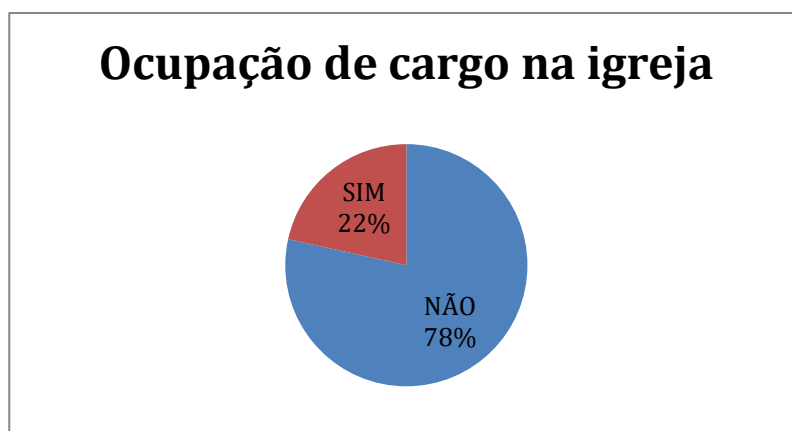


FIGURA 4– Ocupação de cargo na Igreja.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

O pressuposto teórico que adotamos para compreender o pensamento conservador contemporâneo advém da concepção de que se trata de uma metáfora temporal e está diametralmente localizada em oposição ao progressismo constituindo uma relação dialética entre si (BOBBIO, 1994). Tal pressuposto explicativo justifica a inserção das seis questões abaixo (sobre o aborto, composição familiar, trabalho

remunerado, união homoafetiva, redução da maioria penal, atribuição de melhoria de vida), que nos últimos anos vêm polarizando o debate público e encontram ressonância em certa cultura política, seja com uma inclinação para a mudança, ou uma disposição para a conservação.

Isto porque tomamos como premissa que um dos mecanismos de formulação de decisão do voto pelo público evangélico tem como motivação questões próprias da esfera dos costumes e discussões que são postas no debate público por lideranças políticas, reconhecidamente, conservadoras e que são capazes de formar uma concepção de mundo e de sociabilidade que: (i) não está necessariamente calcada na racionalização da vida, mas antes no alargamento da *realidade máxima*; (ii) coloca em segundo plano, quando não desconsidera a autonomização dos sujeitos; (iii) atrela à formação da agenda de determinadas políticas públicas juízos de valor e padrões moralistas; (iv) coloca muitas vezes a tradição de viés autoritário como um orientador dos posicionamentos sobre assuntos públicos.

Tendo considerado tais elementos explicativos acerca do fenômeno conservadorismo inquirimos os entrevistados sobre como se posicionam em relação ao aborto e (47%) disseram ser totalmente contrários, mesmo em caso de estupro e risco de vida da mãe (FIG. 5). Sobre a composição, concepção familiar e papéis sociais de membros que compõem a família, obtivemos dados instigantes do ponto de vista da pesquisa. Isto porque se um lado (78%) dos respondentes concordam com a afirmação de que toda “família deve ser composta por homem, mulher e filhos” (FIG. 6), revelando uma visão de pouco pluralismo quanto as formas como a família pode se dar no mundo atual, por outro lado, no que tange ao papel da mulher dentro da organização social familiar (FIG. 7), (63%) discordam da afirmação de que “quando o homem trabalha é preferível que a mulher fique em casa”.

Ainda em se tratando de diferentes concepções de família, (70%) dos entrevistados se disseram contra a união civil entre pessoas do mesmo sexo (FIG. 8), um posicionamento bastante consonante aos discursos pronunciados por lideranças

notadamente conservadoras. A mesma tendência é vista quando são inquiridos sobre a atitude em face à redução da maioria penal (84%) se disseram a favor (FIG. 9).

Na última questão desse bloco, buscamos saber dos entrevistados qual tipo de atitude é mais importante para se 'melhorar de vida' (TAB. 1) tendo como referência um comportamento esperado, e como era esperado, considerando o público selecionado e sua relação com a teodiceia (a colocação da fé religiosa como principal motivadora dos fatos da vida) (WEBER, 2010), (90,26%) colocaram em primeiro lugar a crença em Deus, (61,54%) o apoio da família em segundo lugar, e, (36,92%) trabalhar em terceiro lugar.

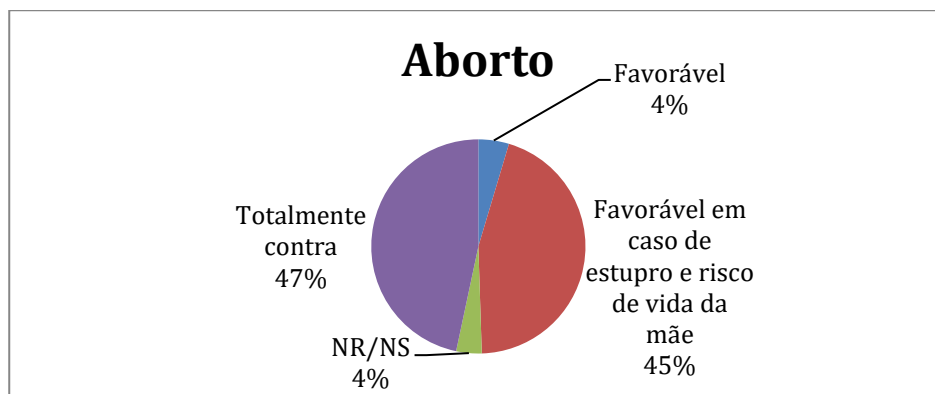


FIGURA 5 – Aborto.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

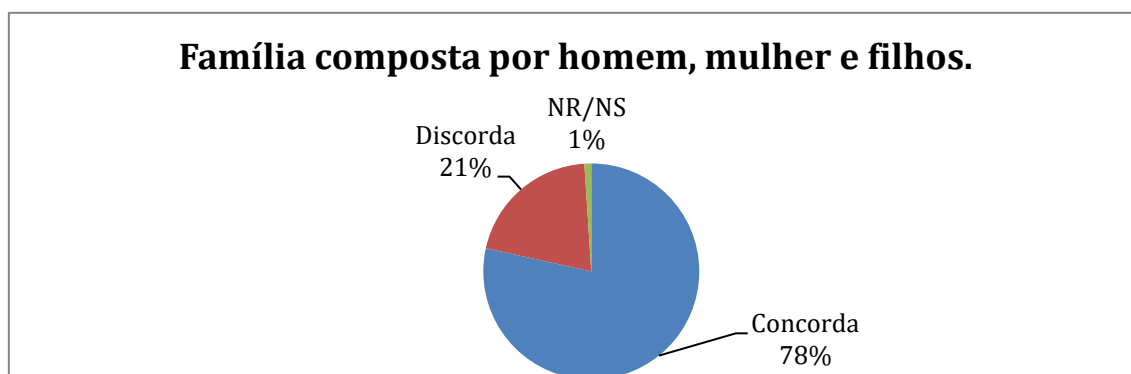


FIGURA 6 – Composição familiar.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

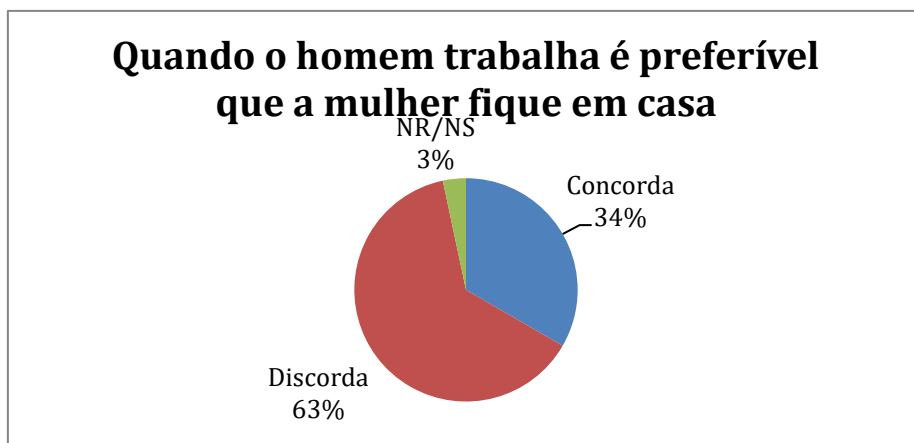


FIGURA 7 – Trabalho.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

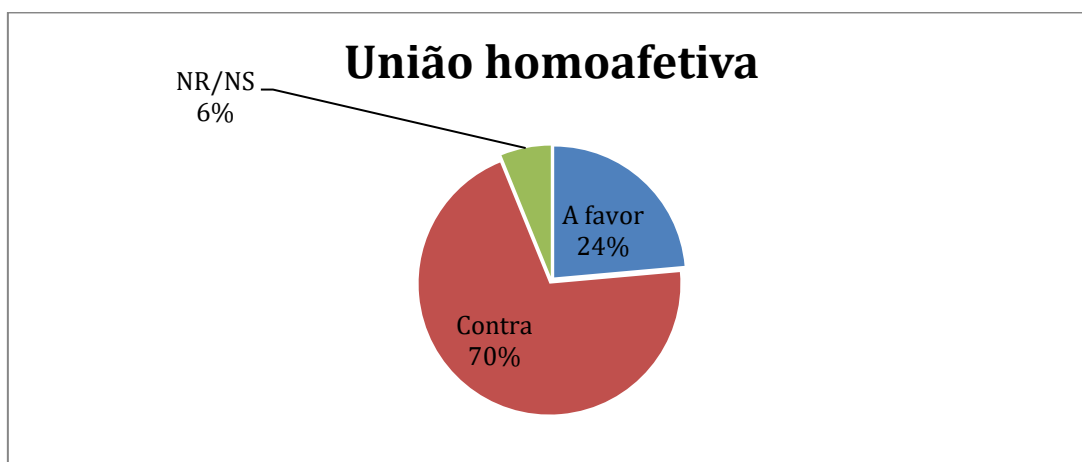


FIGURA 8 – União homoafetiva.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

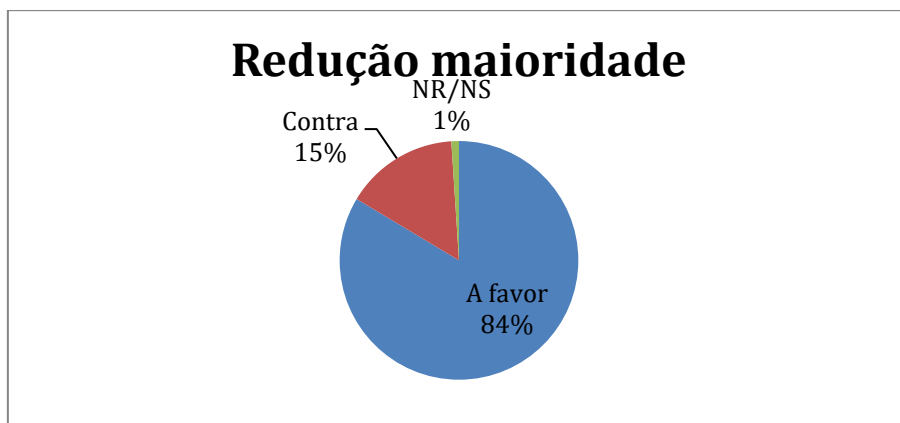


FIGURA 9 – Redução da maioridade penal.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

TABELA 1

Melhorar de vida

Em sua opinião o que é mais importante para ter uma vida bem sucedida?		
Primeiro lugar	Segundo lugar	Terceiro Lugar
Acreditar em Deus	Apoio da Família	Trabalhar
90,26%	61,54%	36,92%
Trabalhar	Trabalhar	Estudar
3,85%	16,41%	20,51%
Estudar	Estudar	Apoio da Família
2,82%	10,77%	14,62%
Apoio da Família	Praticar a religião	Ajuda de amigos e vizinho
1,79%	5,64%	12,82%
Praticar a religião	Acreditar em Deus	Praticar a religião
1,03%	2,82%	12,05%
Ajuda de amigos e vizinho	Ajuda de amigos e vizinho	Acreditar em Deus
0,26%	2,05%	2,05%
	Receber auxílio de Programas	Receber auxílio de Programas
	0,77%	1,03%

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

Se na primeira parte do questionário buscamos relacionar política e religião no escopo de um imaginário conservador, na segunda parte nos detivemos às questões próprias do pleito ocorrido em 2016. Assim, em relação à intenção de voto para a prefeitura de São Paulo (FIG. 10), Celso Russomano (PRB) liderou com (25%) das intenções, porém com pouca vantagem acima de seu adversário João Dória (PSDB) que obteve 24% das intenções. No entanto, se somado o percentual dos entrevistados que declararam votar em branco ou nulo com os que se declararam ser indecisos, temos um total de (28%), número que supera os dois primeiros colocados.

A relação entre a comunicação de caráter público e as eleições é fundamental, visto que uma das formas de elaboração do voto passa pela quantidade e qualidade do ingrediente de informação detido, evidentemente, acionados durante a execução de tal tarefa cognitiva. Nesse sentido, perguntamos aos entrevistados como eles se informam sobre política em geral e sobre as eleições em específico (TAB. 2) e demos a eles a possibilidade de escolherem duas opções⁶. A televisão é de longe o meio mais utilizado, o que nos leva a refletir sobre a importância do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) especialmente em um contexto de diminuição do tempo destinado à campanha e a redução da arrecadação financeira pelos partidos e coligações que já não podem mais obter doações de pessoas jurídicas. Essa importância pode ser observada na crescente intenção de votos (em geral e não especificamente dos evangélicos) que o candidato tucano obteve após o início do HGPE, passando de desconhecido para o vencedor no 1º turno.

Ainda considerando a relação entre a comunicação e as motivações que circundam a escolha do voto, perguntamos qual seria a área mais sensível na cidade de São Paulo (FIG. 11), aquela sobre a qual o novo prefeito ou prefeita deveria se debruçar com mais afinco, e (63%) disseram ser a 'saúde'. Essa ênfase pode ser situada conceitualmente no Cenário de Representação Política (CR-P) de Venício

⁶ Por essa razão é que o total de citações excede o universo de respondentes.

Lima (2004), que corresponde a ideia de um espaço específico de representação da política nas democracias representativas, constituído e constituidor de um pensamento hegemônico gerado em processos de longo prazo, *nos e pelos mídia*, principalmente, a televisão (novamente nos referimos à televisão como sendo a principal fonte de informação dos entrevistados).

Os dados sobre como os entrevistados escolhem seu candidato (FIG. 12) não invalidam a importância explicativa que atribuímos ao HGPE durante essas eleições, (21,79%) disseram ser essa a principal motivação para a escolha. Se acrescentarmos a esse dado a motivação vinda da identificação pessoal (48,97%), e que essa relação identitária é muitas vezes construída midiaticamente em sofisticadas campanhas baseadas em um marketing espetacularizado, com forte apelo emocional e personalista, confirmamos nossa hipótese explicativa da grande importância do HGPE. Assim,

[...] mesmo candidatos poucos conhecidos podem, através da mídia, disputar as eleições com chances de vitória, desde que apresentem os atributos simbólicos valorizados e sejam trabalhados pelo marketing no sentido das expectativas dominantes (SILVEIRA, 1998: 55).

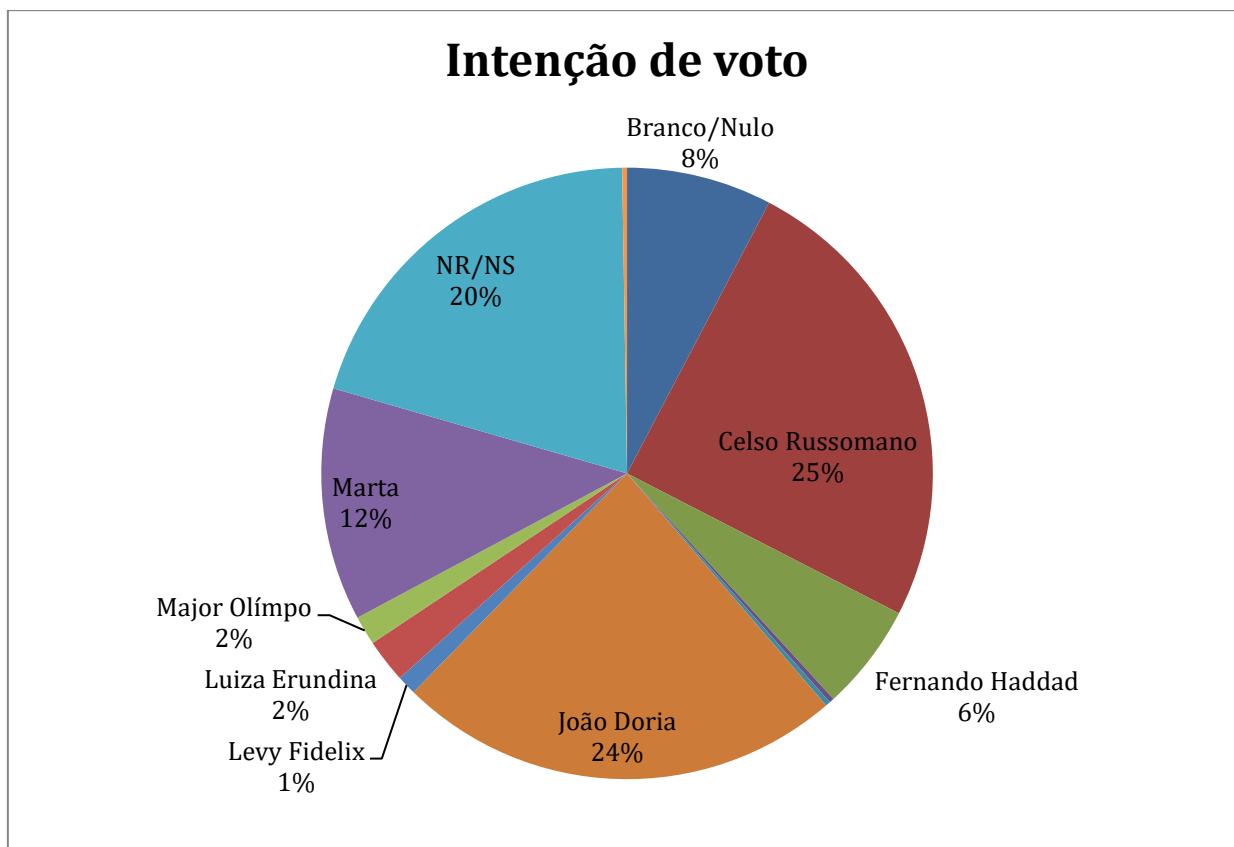


FIGURA 10 – Intenção de voto.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

TABELA 2

Como se informa sobre política

Meio	Número de citações
Televisão	281
Internet em geral	164
Jornal ou revista	92
Redes sociais	71
Rádio	40

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

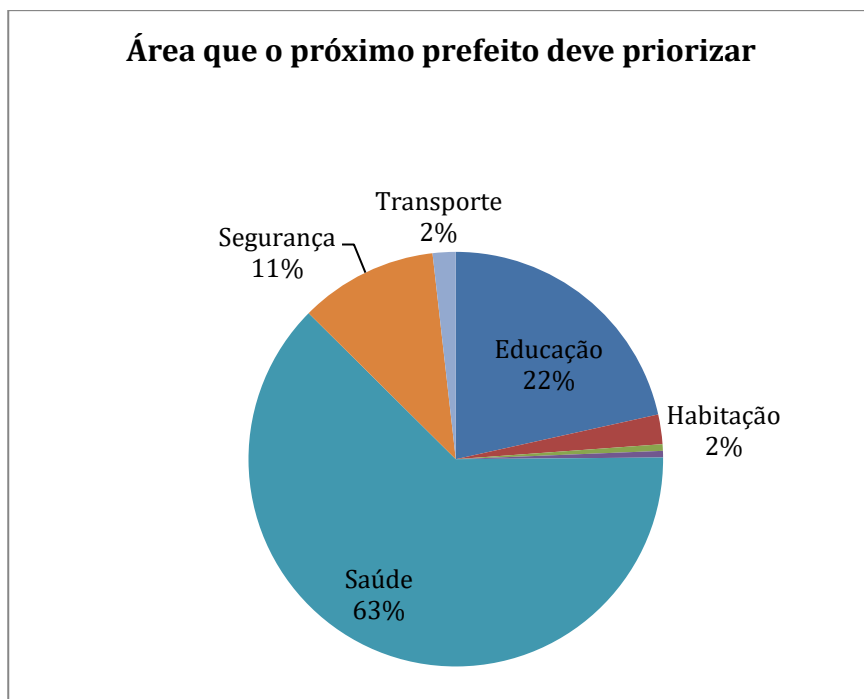


FIGURA 11– Redução da maioria penal.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

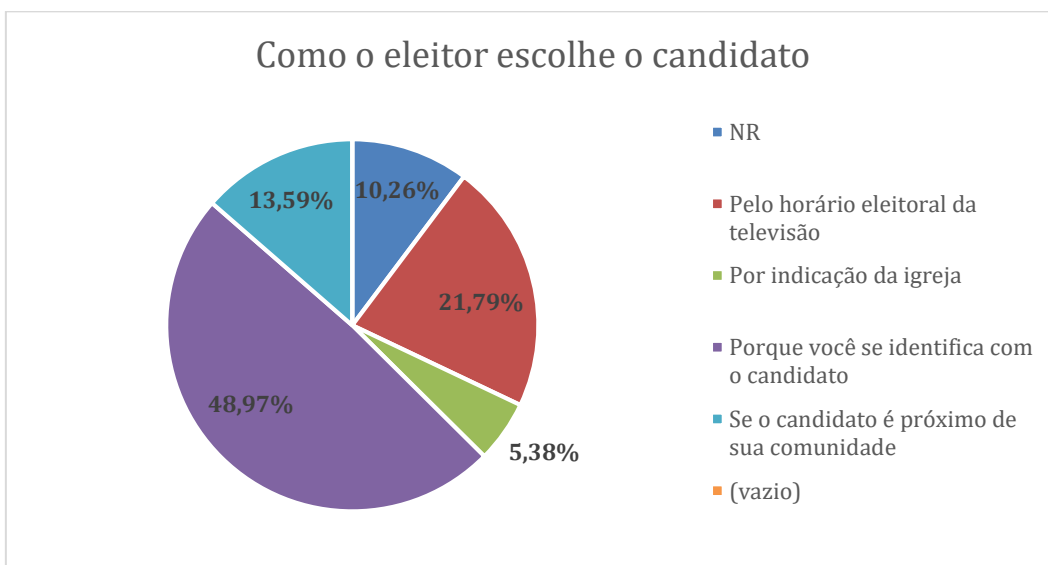


FIGURA 12 – Escolha do candidato.

FONTE – Dados da Pesquisa O perfil do eleitorado evangélico nas eleições municipais de 2016 na cidade de São Paulo.

O valor trabalho como atributo pessoal apareceu na pesquisa, ao lado dos princípios Deus e família como sendo os principais norteadores de vida segundo os entrevistados. Tratando especificamente da campanha do candidato do PSDB, João Dória, vemos que o ideal que aparece na tradição protestante calvinista (trabalho e ascese) e na tradição neopentecostal (teologia da prosperidade) também esteve demasiado presente no HGPE, tal fato nos faz remeter à relação entre esse valor e o grande número de intenções de votos.

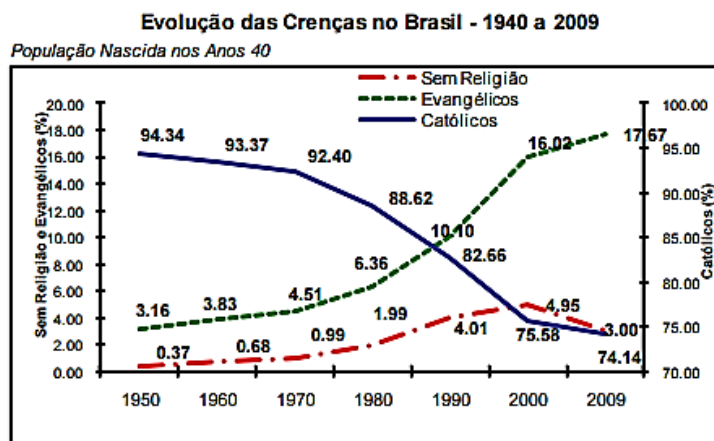
3. Caracterização das principais denominações evangélicas

No Brasil, o protestantismo se desenvolveu, mais fortemente, a partir das missões iniciadas na segunda metade do século XIX⁷, mas é com a chegada dos missionários norte-americanos, que se identificavam como *evangelicals*, que se inicia um processo mais acelerado de evangelização no país, principalmente, com as cruzadas evangelísticas⁸. É quando se solidifica a nomenclatura “evangélicos” (CUNHA, 2007), um termo usado para designar todo grupo cristão não católico ou não ortodoxo, deixando de evidenciar as diferenças entre os próprios evangélicos, mas que são tratadas nas pesquisas em geral de forma agrupada – como é possível ver na tabela abaixo que trata da evolução exponencial desse grupo em detrimento dos católicos.

⁷ Consequência da proclamação da República e da carta constitucional de 1891, na qual juridicamente se faz a separação entre igreja e Estado), propiciando as condições políticas e sociais que permitiriam maior tolerância às novas religiões e criariam um ambiente fértil para o proselitismo religioso (MENDONÇA, 2007).

⁸ As cruzadas organizadas por Billy Graham se tornaram um marco histórico para esse processo de evangelização, sendo a cruzada de 1974 no Maracanã seu evento mais famoso.

TABELA 3



Fonte: FGV, 2011; IBGE, 2009

Com o passar dos anos, inúmeras igrejas também chamadas evangélicas foram criadas, e esta multiplicidade denominacional trouxe dificuldades quanto à elaboração de uma tipologia bem delimitada para os movimentos protestantes histórico ou evangélicos. Por este motivo, assim como vários autores (CUNHA, 2007; MENDONÇA, 2007; ALENCAR, 2015), utilizaremos o termo evangélicos, para designar todos grupos cristãos não católicos ou não ortodoxos que praticam o proselitismo e que estão indiretamente ligados por sua teologia salvacionista e seu afastamento do cristianismo católico ou ortodoxo.

Buscando essa genealogia Freston (1993) identifica no movimento evangélico brasileiro três ondas de crescimento, que se não podem ser aplicadas mecanicamente na atualidade devido à imbricação teológica entre os grupos ao menos para uma análise histórica essas ondas nos servem como orientadoras metodológicas.

A primeira onda evangélica é formada pelos *protestantes históricos* de denominações tais como: Batistas, Luterana, Metodista e Presbiteriana.

A segunda onda se inicia nos primórdios do século XX quando duas novas religiões consideradas pentecostais (FRESTON, 1993) chegam ao Brasil: a Igreja

Congregação Cristã do Brasil (CCB) em 1910; e Igreja Assembleia de Deus (AD) em 1911 e elas estão ligadas ao pentecostalismo norte-americano, que busca as “ações de cura” e as experiências espirituais semelhantes ao *Azusa Street Revival*.

A CCB foi fundada pelo italiano Luigi Francescon a partir de uma teologia muito particular, pois, embora defendesse em sua doutrina alguns pilares do cristianismo – como a necessidade do batismo, da participação da santa ceia, da prática de culto e da volta do Messias – outros elementos da doutrina⁹ a tornaram mais sectária em relação aos demais movimentos evangélicos. Mas, para além da ritualística, é importante destacar a grande apatia política de seus seguidores, sendo quase uma recusa à participação política e, segundo Foerster (2006), esse apoliticismo da CCB está sacramentado num de seus textos, mais precisamente no Ensinamentos da reunião de março de 1948. Nele, o autor destaca a seguinte passagem:

Nas Congregações não são admissíveis partidos de espécie alguma; cada um é livre, cumprindo o seu dever de votar, que é uma determinação da lei. Todavia nós, remidos pelo Sangue do Concerto Eterno, nunca devemos votar em partido que negue a existência de Deus e a sua moral. Quem ocupar cargos no ministério não deve aceitar encargos políticos. Não se deve permitir que candidatos a cargos políticos venham fazer propaganda ou visitar as Casas de Oração com esta finalidade. (CCB, 2002, p. 21 *apud* FOERSTER, 2006, p.122).

Em nossa pesquisa, membros da CCB representam (12,8%) do total de entrevistados, sendo a segunda denominação mais citada. Por sua vez, a AD, nasce em 1911 e se torna, desde 1950, a maior denominação evangélica no Brasil (ALENCAR, 2015), atualmente, representam cerca (5,7%) do total de evangélicos no país e um total de (18,2%) em nossa pesquisa, sendo que a maior parte de seus

⁹ De acordo com a doutrina da CCB, não é permitida a divulgação de sua fé e doutrina por qualquer meio de comunicação (sites, canais de tv ou rádio), a CBB não apoia movimentos sociais, políticos ou partidos e também não pratica o proselitismo de forma ativa. Além disso, não aceita casamento entre fiéis e não fiéis, e também não aceita a participação de membros em festas consideradas profanas. (MONTEIRO, 2010).

membros pertencem a classe D (NERI, 2011), confirmando o dito por Mariano (2013) de que o pentecostalismo tem se expandido nas classes socialmente mais vulneráveis da população e concentrando-se nas periferias urbanas das capitais, como em São Paulo e nas áreas metropolitanas.

No âmbito assembleiano, há grandes diferenças entre os ministérios e até mesmo dentro dos próprios ministérios, sendo a teologia da prosperidade algo recente na história e restrita a alguns círculos de assembleias, geralmente, lideradas por pastores notáveis e de grande prestígio entre seus seguidores, dos quais podemos destacar Silas Malafaia e Marco Feliciano. Essa fase recente da AD, ligada à teologia da prosperidade, a enquadra na terceira onda descrita por Freston (1993), quando a teologia se vê ligada ao alcance da prosperidade por meio das ofertas, como uma aposta de fé na relação entre o fiel e a divindade. As igrejas Bola de Neve, IURD e algumas assembleias de Deus, partilham destes pactos e incentivam seus fiéis a esta prática. Além disso, essas igrejas da terceira onda, se destacam no uso dos meios de comunicação, do marketing religioso e do entretenimento para ampliar seu proselitismo. Como exemplo, Marcos Feliciano e Silas Malafaia, possuem canais de transmissão de culto no *Youtube* e *Facebook*, sendo que o pastor Silas Malafaia também possui horários de programação na TV aberta com o programa Vitória em Cristo. A IURD se destaca por ser mantenedora da própria rede Record de Televisão e na produção de várias séries religiosas para tv. Por fim, a igreja Bola de Neve, ganhou força por meio de shows para jovens e, atualmente, mantém a transmissão de cultos *online* por meio de seu site.

4. Inserção dos evangélicos na esfera político-partidária

Nesse eixo de investigação intensificamos o estudo sobre a relação entre a personalização da política e a midiaticização da religião buscando subsídios explicativos na análise da trajetória, alia à atividade parlamentar de alguns vereadores da cidade de São Paulo. Tal inspiração vem sobremaneira do neologismo conceitual definido por Wright Mills (1975), a imaginação sociológica, como sendo o momento

em que a biografia, a atividade exercida individualmente, se articula com a história, com processos mais amplos.

Ainda que não abandonemos o traço personalista como sendo uma das características fundantes de nossa cultura política, a partir do referencial teórico de Bernard Manin (1995) podemos entendê-lo também no escopo do declínio dos partidos políticos com a consequente emergência de uma forma de representação política: a *democracia de público*. Um momento da prática eleitoral em que as disputas políticas passaram a ocorrer não em referência aos partidos políticos de massa, mas sim, a agregados de caráter personalista, valorizando, portanto, as lideranças personalistas, em detrimento aos partidos. E essa valorização se dá através da mídia, principalmente, a televisão, um dos principais cenários de representação política, que estabelece a relação dos candidatos com o eleitor, e hoje também pelas mídias digitais.

Especialmente em períodos de campanha eleitoral essa personalização se acentua, visto que se trata de uma predisposição armazenada em nossas mentes sendo capaz de gerar imagens e informações que são constantemente operadas pelos meios de comunicação de massa (CASTELLS, 2015, p. 278).

Assim, a personalização não tende a depender da boa aparência ou até do nível de articulação de uma pessoa (embora isso seja importante, não é decisivo), mas sim a capacidade pessoa tem de se identificar com seus eleitores (CASTELLS, 2015, p. 291).

Isso considerado, apresentamos a biografia¹⁰ de quatro vereadores eleitos para a Câmara Municipal de São Paulo em 2016 com forte presença no mundo evangélico.

¹⁰ COSTA, Rute. Biografia. Disponível em: <<http://www.rutecosta.com.br/>> Acesso 17.abr.2017.
SANTOS, André. Biografia. Disponível em: <<http://www.camara.sp.gov.br/vereador/andre-santos/>> Acesso 17.abr.2017.
TUMA, Eduardo. Biografia. Disponível em: <<http://www.camara.sp.gov.br/vereador/eduardo-tuma/>> Acesso: 17.abr.2017.
<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/10/bancada-evangelica-quase-dobra-na-camara-municipal-de-sao-paulo.html> Acesso: 17.abr.2017.

João Jorge (PSDB), o homem mais votado dentre os integrantes da AD, pastor do Mistério Belém do Brás, foi eleito vereador de São Paulo, pela primeira vez, em 2016. Entretanto, sua carreira política advém do período de redemocratização do Brasil, mas na cidade de Americana, tendo sido eleito, já em 1988, vereador para a Câmara desta cidade pelo PDT. Nas eleições seguintes, já no PSDB, amargurou seis contínuas derrotas. Em 1992, candidato a vice-prefeitura de Chico Sardelli; 1996 e 2000 candidato a prefeito; 2004, novamente, candidato a vice de Sardelli; e em 2006, candidato a Deputado Estadual. No ano de 2012, apesar do forte vínculo com Americana, João Jorge deixa sua terra natal para fazer carreira política em São Paulo, candidatando-se à vereador, e, apesar da derrota, foi considerado um candidato em potencial pelo PSDB, devido aos 13 mil votos que recebeu. E, após 38 anos de derrotas políticas, em 2016, com cerca de 42 mil votos, foi eleito, por quociente partidário, vereador da Câmara Municipal de São Paulo, aumentando a bancada evangélica. Seus principais temas envolvem a mobilidade urbana, em sua campanha eleitoral afirmou o interesse em eliminar ciclovias e acabar com a chamada “indústria da multa”, atrelado a ideia de priorizar o transporte público ao individual, mas até o momento não apresentou nenhum projeto à Câmara paulistana.

André Santos (PRB) também não apresentou nenhum projeto, e foi eleito vereador de São Paulo na primeira eleição em que disputou, com um pouco mais de 37 mil votos. Sua atuação política iniciou-se, na década de 80, como líder comunitário em projetos sociais, principalmente, nas áreas de proteção aos jovens e apoio a moradores urbanos em situações de vulnerabilidade, na região metropolitana do Rio de Janeiro, onde nasceu. Vinculou-se à IURD neste estado, participando de reuniões,

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/04/politica/1475609268_473555.html Acesso: 17.abr.2017.
<http://www.metodista.br/midiareligiaopolitica/index.php/2016/10/10/bancada-evangelica-quase-dobra-na-camara-municipal-de-sao-paulo-numero-de-vereadores-ligados-a-igrejas-vai-subir-de-7-para-13/>
<http://www.universal.org/noticia/2014/11/16/como-eles-venceram-o-tumor-dela-e-a-doenca-do-filho-31420.html> Acesso: 17.abr.2017.

ainda na adolescência, depois se tornando obreiro, pastor auxiliar e pastor, cargo que ocupa atualmente dentro da hierarquia eclesial. Conhecido como Pastor André Esteves, o mesmo concedeu entrevista à própria Universal, afirmando que a vinda a São Paulo, em 1995, seria um meio para ampliar suas ações sociais. Nos anos 90, passou a apresentar programas de rádio, ganhando cada vez mais visibilidade. Como vereador também passou a ocupar a bancada evangélica.

Rute Costa (PSD), a mulher mais votada da AD, com 33.999 votos, em sua primeira disputa, apresenta uma trajetória de vida, totalmente, vinculada à AD, fazendo parte de uma segunda geração da Igreja vinculada a atuação política. Filha de José Wellington Bezerra da Costa – Presidente da Convenção Geral da Assembleia de Deus do Brasil e Pastor Presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Belém – irmã de Marta Costa – deputada estadual, e vereadora em São Paulo por três mandatos seguidos – irmã do pastor Paulo Freire – deputado federal – a psicóloga e psicopedagoga Rute Costa atua, tanto na Igreja quanto na Câmara, com projetos voltados para crianças e adolescentes. Dentro da Igreja, ao lado de seu marido, é líder da União dos Conjuntos dos Adolescentes das Assembleias de Deus.

Eduardo Tuma (PSDB), um político jovem, está, atualmente, em seu segundo mandato como vereador de São Paulo. Com influente trajetória política familiar, o vereador é sobrinho do ex-senador Romeu Tuma ¹¹(1932-2010) e filho de Renato Tuma (criador da Guarda Civil Metropolitana e Diretor Geral da Câmara Municipal de São Paulo, durante a gestão Pitta). Sua filiação ao PSDB ocorreu em 2007, concorrendo, já no ano seguinte, ao cargo de vereador, derrotado, passa a atuar como assessor técnico parlamentar na Assembleia Legislativa de São Paulo. Nas eleições de 2012, Eduardo Tuma, conseguiu eleger-se com 30 mil votos e, em 2016, foi reeleito com 70.273 votos. Duas linhas de atuação influenciam o posicionamento político de

¹¹ Um dos projetos de nomeação de Eduardo Tuma dispõe sobre acrescentar o nome de seu tio à Ponte das Bandeiras localizada em São Paulo.

Eduardo Tuma na Câmara dos Vereadores de São Paulo, são eles: o Direito e a Igreja. Na primeira delas, com extensa trajetória acadêmica, o vereador é pós-doutorando em Direito pela Sorbone, Doutor e mestre em Direito pela PUC/SP, e com intensa participação em institutos de defesa dos Direitos Humanos. A segunda linha é exercida a partir de sua posição de presbítero da Igreja Bola de Neve, hierarquia que antecede ao pastor, entrou para a Igreja em 2003. Segundo Antunes Filho (2016), a participação de Tuma nas frentes de trabalho da congregação é ativa, assim como suas contribuições financeiras à igreja, bem como a sua habilidade discursiva e performática, visualizada em pregações que realiza mensalmente nos cultos da IEBN, o que influenciaram Rina (criador e líder da Igreja Bola de Neve) para, em um culto dedicado a propaganda política, colocá-lo, também, como um candidato futuro ao pastorado.

De acordo com Eduardo Tuma, em entrevista para o jornal gospel *online* Guiame¹², apesar de sua tradição política familiar, foi na igreja que ele percebeu que essa era a sua vocação e afirma que a “ Atuação do político deve ser atrelada a palavra de Deus”. Na Câmara, Tuma, é líder da “Bancada Evangélica” e propõe a criação da Frente Parlamentar Cristã, são 13, atualmente, os vereadores ligados a alguma denominação evangélica¹³ e, no PSDB, criou um Núcleo Cristão.

Dos quatro vereadores selecionados, apenas Eduardo Tuma e Rute Costa apresentaram projetos durante a atual gestão, dos quais destacamos de autoria de Tuma dois projetos de resolução (que da lei ordinária de competência do legislativo) que versam sobre a instituição da Frente Parlamentar do “Empreendedorismo e de defesa das microempresas, das empresas de pequeno porte, dos

¹² Conforme site Guiame. Disponível em: <http://guiame.com.br/gospel/noticias/vereador-eduardo-tuma-relata-como-umcristao-deve-encarar-politica-nao-podemos-nos-alienar.html> Acesso em 16.abr.2017

¹³ Eduardo Tuma (PSDB), Atílio Francisco (PRB), Souza Santos (PRB), David Soares (DEM), Noemi Nonato (PR), Patrícia Bezerra (PSDB), Sandra Tadeu (DEM), João Jorge (PSDB), Gilberto Nascimento Júnior (PSC), Rute Costa (PSD), André Santos (PRB), Rinaldi Diglio (PRB) e Adriana Ramalho (PSDB).

microempreendedores” bastante na linha de atuação política que coloca o empreendedorismo como um valor capaz de combinar uma ética religiosa ao capitalismo contemporâneo; além da proposta de criação no âmbito da Câmara municipal da “Frente parlamentar cristã em defesa da família”, sendo que todos esses projetos foram apresentados no início de fevereiro de 2017 e seguem em tramitação.

Na mesma linha, Rute Costa apresentou mais um projeto de resolução que versa sobre o mundo evangélico, de criação da “Frente Parlamentar Evangélica”, apresentada em começo de março e também em tramitação. A apresentação de diversas frentes suprapartidárias por parte dos políticos evangélicos não significa uma contradição ou desentendimento em sua atividade parlamentar, mas antes uma estratégia de maximização de possibilidades de aprovação e convergência de propósitos em muito amparado pelo conceito de *realidade máxima*.

TABELA 4

Projetos

	Eduardo Tuma	Rute Costa
Cunho Religioso	1	1
Saúde	1	0
Habitação	1	0
Educação	0	1
Empresariado	3	0
Administração	2	0
Nomeação	4	0
Outros	2	2
Total	14	4

FONTE – Site da Câmara municipal de São Paulo. Dados de 14. abr. 2017.

5. Algumas considerações

Nosso objetivo foi aliar elementos empíricos a um embasamento teórico de tal forma que nos possibilitasse a compreensão do fenômeno religião e política no âmbito

dos evangélicos, assim, em um primeiro momento investigamos o perfil desse eleitorado nas eleições municipais de São Paulo ocorridas em 2016.

Cabe, portanto, enfatizar a relevância da realização de pesquisas de opinião pública durante as eleições, pois, como nos diz McCombs (2004), estas criam um laboratório natural para o exame dos efeitos da mídia, principalmente, porque se as mensagens midiáticas possuem efeitos sociais significativos, esses efeitos devem aparecer até o dia da eleição, assim, olhar para o perfil do voto evangélico é também olhar para os canais de informações utilizados por eles e para as possíveis imposições das instituições religiosas. As eleições têm se mostrado também um momento ímpar de identificação e/ou robustecimento de lideranças religiosas na esfera da política e da mídia, de massa e digital.

Desse perfil destacamos um elevado grau de engajamento religioso não-institucionalizado, já que a maior parte dos entrevistados diz frequentar a igreja ao menos duas vezes por semana com baixo índice de trabalho vinculado a ela. Já com relação aos ideais conservadores ocorreu a reprodução direta dos valores afirmados pelas principais lideranças entre os evangélicos, como a concepção tradicional da família e a proibição do aborto.

Contrário ao observado por Inglehart (2005) e Inglehart; Baker (2000) de que no que tange ao conjunto de valores pós-materialistas haveria a preponderância da secularização, dizemos nós, que na estruturação da opinião pública evangélica o que observamos foi mais a emergência daquilo que Martino (2014, p.10), referenciando-se em Habermas, disse ser a “tradução” de valores e propostas religiosas em valores aparentemente laicos e acessíveis a todos na esfera pública.

Assim, os fatores religiosos presentes no debate eleitoral por vezes adquirem conotações próprias de um pensamento conservador que encontra eco na mediatização da linguagem da mídia e que é operacionalizado em dois sentidos presentes na articulação entre a teologia, ou os princípios que regem cada religião, e a doutrina, ou a face ritualística.

Um desses sentidos é visto na axiomatização de valores e comportamentos a partir da *realidade máxima*, na defesa de uma moralidade nos costumes como sendo uma defesa da própria igreja – tendo sido importante identificar tópicos dessa pauta religiosa, como aborto, drogas e união homoafetiva, no imaginário do eleitor evangélico. A moralidade sustentada pela *realidade máxima* acaba por engendrar uma agenda de temas que além de privilegiar as figuras de Deus e da família como os fundamentos das condutas individuais e coletivas, coloca o valor do trabalho no centro do debate, aqui já entramos no segundo sentido operacionalizado por uma religião midiática e uma midiatização da religião, pois não estamos falando da dicotomia capital-trabalho, mas de uma atribuição que ora recupera os aspectos ascéticos, ora uma ética muito mais condizente com o capitalismo contemporâneo, de ascensão individual através do empreendedorismo que por sua vez é estimulado pela ritos de pactos e ofertas feitas entre o fiel e Deus por intermédio da igreja e/ou do pastor.

Finalmente, a articulação entre empiria e teoria nos ajudou a elaborar um quadro explicativo mais amplo sobre os evangélicos na relação entre religião e política que enxerga um conservadorismo em latência, no sentido de inserido em uma determinada temporalidade que se põe em desenvolvimento quer em oposição à ideários e práticas emancipatórias calcadas na pluralidade e na diversidade, quer se afinando à valores capitalistas tais como o empreendedorismo e a inserção no consumo material.

Referências

ALENCAR, Gedeon. **Presença Evangélica no Brasil atual**: remédio ou veneno? Observatório da Religião, v. 2, p. 130-152, 2015.

_____. **Matriz Pentecostal Brasileira**: Assembleia de Deus. Simpósio (São Paulo), v. 10, p. 11-35, 2008.

ANTUNES FILHO, Edemir. **Política, Religião e Poder**: o caso do vereador evangélico Eduardo Tuma e a Igreja Evangélica Bola de Neve. In: Simpósio Religiões, Políticas e Mídias na América Latina Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - de 04 a 06 de Outubro de 2016. Disponível em: <https://teologiasocial.files.wordpress.com/2016/12/edemir-antunes-filho-polc3adtica-religic3a3o-e->

poder-o-caso-do-vereador-evangc3a9lico-eduardo-tuma-e-a-igreja-evangc3a9lica-bola-de-neve.pdf.
Acesso em 17. abr.2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CROATTO, Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Explosão Gospel**: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

FOERSTER, Norbert Hans Christoph. **Poder e política na congregação cristã no Brasil**: um pentecostalismo na contramão. In: Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião – ufrgs, Porto Alegre, v. 8, n. 8, p. 121-138, 2006.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e democracia no Brasil**. Paris: Lusotopie, p. 329-340, 1999.

INGLEHART, Ronald. **Modernization, Cultural Change, and Democracy**. USA: Editora Cambridge, 2005.

INGLEHART, Ronald; BAKER, Wayne E. **Modernization, Cultural Change, and the persistence of traditional values**. American Sociological Review, Vol. 65 (February:19–51), 2000.

LIMA, V. A. **Cenário de Representação da Política. CR-P**. In: ALBINO, Antonio & CANELAS, Rubim (org). Comunicação e Política. Conceitos e abordagens. Salvador: Editora Unesp, 2004.

MANIN, B. **As metamorfoses do governo representativo**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, número:29, volume: 10, outubro de 1995.

MARIANO, Ricardo. **Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, n. 24, v. 2, p. 119-137, 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mediatização da religião e esfera pública nas eleições paulistanas de 2012**. In: Revista Brasileira de Ciência Política, nº 14, Brasília, maio/agosto de 2014.

MCCOMBS, Maxwell. **O agendamento de atributos e o enquadramento**. In: A teoria da Agenda. A mídia e a opinião pública. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MENDONÇA, Antônio Gouvea. **O Celeste Porvir A Inserção do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2008.

MILLS, C.WRIGHT. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MONTEIRO, Yara Nogueira. **Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma Igreja brasileira**. São Bernardo do Campo: Estudos de Religião, v. 24, n. 39, p. 122-163, jul./dez. 2010.

NERI, Marcelo Côrtes (coord.). **Novo Mapa das Religiões**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011.

SILVEIRA, F. E. **A decisão do voto no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

WEBER, Max. **Sociologia das Religiões**. São Paulo: Ícone, 2010.